

BULLYING
E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, UM DIÁLOGO ENTRE A
PSICOLOGIA E A SOCIOLOGIA

Aline Hypolito da Silva Pickler^[1]
aline.pickler@ifsc.edu.br

Mariana de Fátima Guerino^[2]
mariana.guerino@ifsc.edu.br

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre o fenômeno “*bullying*” sob o prisma da psicologia e da sociologia no contexto da educação profissional de nível médio no Brasil, reconhecendo o seu caráter multifacetado e seus condicionantes, tanto individuais, quanto histórico sociais, a partir da realidade de um campus do Instituto Federal de Educação do estado de Santa Catarina (IFSC). No âmbito da psicologia, serão mostrados resultados preliminares e observações a partir de oficinas realizadas em 2018 sobre o tema com estudantes deste nível de ensino, objetivando refletir sobre dimensões como a tolerância, o respeito, os vínculos afetivos, os sentimentos de pertencimento, dentre outras dimensões relativas ao convívio em sociedade, nas quais a educação é integrante fundamental. Sociologicamente, será apresentada uma revisão sistemática da produção científica sobre educação profissional e o *bullying*, com base em repositórios de artigos, teses e dissertações *online*, evidenciando a escassez deste debate no Brasil, e a necessidade de compreendê-lo atrelado à sociabilidade capitalista, cujos ordenamentos, estimulam e legitimam a prática do bullying. O eixo central desse estudo, portanto, é o de expressar a relevância dos vínculos analíticos entre a sociologia e a psicologia nessa discussão.

Palavras-chave: Bullying, Educação Profissional, Psicologia, Sociologia.

Abstract

The aim of this article is reflect on the phenomenon of "bullying" under the prism of psychology and sociology in the context of professional secondary education in Brazil, recognizing its multifaceted character and its individual and social reality in a campus of the Federal Institute of Education of the state of Santa Catarina (IFSC). In the field of psychology, preliminary results and observations will be shown from workshops held in 2018 on the subject with students of this level of education, aiming to reflect on dimensions such as tolerance, respect, affective bonds, feelings of belonging, among others dimensions of social interaction, in which education is a fundamental component. Sociologically, a systematic review of scientific production on professional education and bullying will be presented, based on repositories of articles, theses and dissertations online, highlighting the emptying of this debate in Brazil, and the need to understand it linked to capitalist sociability, whose order to stimulate and legitimize the practice of bullying. The central axis of this study, therefore, is to express the relevance of the analytical links between sociology and psychology in this discussion.

¹ Psicóloga do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – São Miguel do Oeste.

² Professora de Sociologia do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – São Miguel do Oeste. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Introdução

O *bullying* é um fenômeno global que atinge estudantes em todas as partes do mundo. O termo deriva da palavra *bully* (em tradução livre) que significa ameaçar, intimidar, agredir. Esse termo tem sua origem na língua inglesa e ainda não possui uma tradução para o português. Tal fenômeno é uma das manifestações da violência humana, mais especificamente, a violência no ambiente escolar.

Reconhecendo esse caráter multifacetado Bock (2018) afirma que:

Uma única área de conhecimento não dá conta de sua compreensão porque são múltiplos os seus determinantes – históricos, demográficos, políticos, econômicos, antropológicos, psicossociais – e suas expressões também são muitas: guerra, preconceito, intolerância, criminalidade, abuso sexual de crianças e adolescentes, contaminação das águas, suicídio, tortura e inúmeras outras faces da destrutividade humana. (Bock, 2018, p.62)

Em 2015, foi sancionada a lei Nº 13.185, que, dentre outras coisas, institui o programa de combate à intimidação sistemática (Bullying) em todo o território nacional. Essa lei compreende o bullying como uma “intimidação sistemática, todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (Brasil, 2015).

Entendemos que as bases de sustentação ético-política que sustentam o capitalismo, fomentam e retroalimentam as práticas de bullying no ambiente escolar, sobretudo em um momento historicamente peculiar de retirada de direitos, de privatizações, e do empresariamento da educação pública brasileira, induzindo mudanças nas formas de ensinar e aprender, unicamente voltadas aos interesses burgueses, e do uso cada vez mais constante da educação como mera “formação para o mercado de trabalho”.

Capitalismo, educação profissional e as bases do bullying

As especificidades da educação profissional no capitalismo contemporâneo são múltiplas e exigem atenção minuciosa, especificamente em seu foco central sobre o trabalho e a educação, e suas conexões com os comportamentos de violência dentro do ambiente escolar.

A formação para o trabalho no IFSC requer a aquisição de conhecimentos sobre como “funciona” a sociedade, de modo que haja consonância com o que se aprende na escola, e como esse aprendizado será apropriado e colocado em prática nas relações laborais. Entretanto, nota-se que o trabalho tem sido entendido em seu sentido unilateral, somente a serviço do capital, e não na dimensão fundante dos seres humanos e da realidade social. (Antunes, 2010, Saviani, 2007).

O IFSC, em sua organização pedagógica não tem partido da perspectiva ampliada de trabalho, contemplando suas íntimas conexões com a educação e a constituição humana, da satisfação de múltiplas necessidades humanas, e da inovação constante em seu sentido ontológico, dimensões estas que podem ser entendidas da seguinte forma:

Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa. Assim, a pergunta sobre os fundamentos ontológicos da relação trabalho-educação traz imediatamente à mente a questão: quais são as características do ser humano que lhe permitem realizar as ações de trabalhar e de educar? Ou: o que é que está inscrito no ser do homem que lhe possibilita trabalhar e educar? (Saviani, 2007, pp. 152-153)

Essas são questões que provocam reflexões sobre a constituição e a atividade humana humana, todavia, são entendidas como desnecessárias no cotidiano do IFSC, devido à pressa na formação, e ao redimensionamento ao que é “mais importante”, como aprender a competir, a explorar, e a adquirir riqueza, que em outras palavras, no contexto da sociedade capitalista, pode significar a aquisição do respeito de si próprio e dos demais. Entretanto, a peculiaridade humana de transformar a natureza e a si, apresenta um vínculo íntimo entre aprender e trabalhar ao longo da história, cuja dinâmica de entrelaçamento dessas duas dimensões, atravessa toda a existência, assim como o devir, portanto, não deveria ser desmerecida.

O trabalho em seu sentido ontológico é tanto suprimento material da vida quanto produtor de elementos imateriais igualmente variados, nos quais a realidade, em sua dinâmica, se desenvolve no e pelo conjunto das ações humanas. O trabalho no capitalismo, ao contrário, expressa e estrutura uma subjetividade voltada à técnica isolada das relações sociais, alinhada e reduzida à competitividade mercadológica, ao individualismo, o que estimula um tipo específico de comportamento essencialmente violento; fomentando a prática de bullying, e sendo sobretudo, legitimado pelas diretrizes do capitalismo.

Ao desenvolvimento do trabalho corresponde, paralelamente, o nascimento da consciência e do conhecimento humano: as necessidades espirituais mais elevadas do homem são elaboradas e precisadas durante a evolução do trabalho, no percurso da qual a realidade vai se apresentando aos indivíduos em face de seu universo afetivo e espiritual, dos seus desejos e projetos. (Iamamoto, 2008, p. 41).

Por essa razão os processos históricos do trabalho e da educação no capitalismo delineiam os significados, as afetividades, e, no mesmo plano, a repulsa e o preconceito, a partir de padrões sociais impostos por uma lógica fundamentalmente excludente. Ao se educar e trabalhar, os seres humanos formulam para si maneiras de refletir e de se posicionar no mundo, além de organizar e projetar ações futuras que não se situam necessariamente no plano concreto, mas estão localizadas no campo dos sonhos e de

realizações para além do tempo presente, ou seja, articulações particulares que se referem à essência humana, entrelaçados com os aprendizados decorrentes do trabalho e da educação, para a garantia da existência (Guerino, 2013). Por essa razão, intimidar repetidamente alguém por não estar adequado à sociabilidade e à estética capitalista, é uma maneira de impor superioridade e provocar sensações de inferioridade a outrem no tempo presente e para o futuro, podendo provocar danos físicos e psíquicos ao longo de toda a vida de quem sofre com o bullying.

Essa dinâmica somente faz sentido, e se alastra, porque há uma base de apoio que a sustenta, e que sobretudo, obtém benefícios a partir dela. Os níveis de depressão aumentam, e na mesma medida, a indústria farmacêutica, e demais negócios lucram com essa realidade. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), mais de 300 milhões de pessoas sofrem de depressão, a doença já é considerada a principal causa de problemas de saúde e incapacidade no mundo. A OMS também indica que os índices de suicídio têm aumentado, ocorrendo uma morte a cada 40 segundos no mundo. Setenta e cinco por cento dos suicídios ocorrem em países de baixa e média renda, o que indica que a questão histórica do antagonismo de classe tem reflexos nisso.

Nesse horizonte, concepções unilaterais sobre tais articulações são restritas, pois a realidade se desdobra de diferentes maneiras em distintos contextos que são contraditórios por excelência. A não consideração das contradições, e a exclusão aqueles que não “se encaixam” em um padrão de corpo, de classe social, de gênero, e de poder na estrutura social, são partes constituintes da prática de bullying, cujos laços com o trabalho, a educação e as classes sociais emergem em um contexto onde a propriedade de mercadorias e do conhecimento humano historicamente construído não são concebidas como valor de uso, ou seja, para satisfazer o conjunto da sociedade, mas sobretudo, como valor de troca, para acúmulo de capital de uma classe específica.

É dessa relação social assimétrica que se constituem as classes sociais fundamentais: proprietários privados dos meios e instrumentos de produção e os não proprietários - trabalhadores que necessitam vender sua força de trabalho para sobreviver. Daqui é que surge o trabalho/emprego, o trabalho assalariado. Tanto a propriedade quanto o trabalho, a ciência e a tecnologia, sob o capitalismo, deixam de ter centralidade como valores de uso, resposta a necessidades vitais de todos os seres humanos. Sua centralidade fundamental se transforma em valor de troca, com o fim de gerar mais lucro ou mais capital. A distinção do trabalho e da propriedade e tecnologia como valores de uso e de troca é fundamental para entendermos os desafios que se apresentam à humanidade nos dias atuais. (Frigotto, 2001, p. 75)

A relação entre valor de uso, valor de troca, trabalho, educação e bullying constituem um ciclo que alicerça e reproduz a lógica capitalista, criando em seu âmbito, condutas e relações sociais violentas, em razão da apropriação das capacidades, habilidades, e da força de trabalho, para a manutenção dos privilégios

da classe dominante. Isso, no cotidiano, se torna difícil de compreender, entretanto essa confluência, que parece ininteligível, é propositalmente assim conduzida, de forma que haja a naturalização de que o trabalho é só valor de troca, não podendo ser diferente disso. Isso contribui para o esvaziamento de sentido das lutas contra todo esse complexo sistêmico.

Em todos os estágios sociais, o produto do trabalho é valor de uso, mas só um período determinado do desenvolvimento histórico, em que se representa o trabalho despendido na produção de uma coisa útil como propriedade “objetiva” inerente a essa coisa, isto é, como seu valor, é que transforma o produto do trabalho em mercadoria. Em consequência, a forma simples de valor da mercadoria é também a forma mercadoria elementar do produto do trabalho, coincidindo, portanto, o desenvolvimento da forma mercadoria com o desenvolvimento da forma valor. (Marx, 2008, p. 83).

Na relação entre a produção de mercadorias e os produtores, os seres humanos concebem o valor como elemento intrínseco do resultado de seus trabalhos, dando a falsa sensação de que o valor de troca é naturalmente essencial nesse processo. A relação entre os produtores assume a forma de relação entre produtos. Assim dissolve-se o caráter humano do trabalho e emerge o caráter mercadológico da busca pela sobrevivência. A perda da referência de alteridade passa pela questão de não ver “o outro” como igual, e sim, como mercadoria, que pode ser usada, trocada, vendida e descartada.

Nesse âmbito, o trabalhador ao vender sua força de trabalho, sob o controle do capitalista, vende-o para quem pertence o seu trabalho, e vende-o por um valor inferior ao correspondente ao da sua jornada completa de trabalho. Há nessa relação um trabalho excedente que não é pago, sendo apropriado pelo capitalista, denominado por Marx por “mais valia dos meios de produção e da força de trabalho”.

O capital é trabalho morto que, como um vampiro, se reanima sugando o trabalho vivo, e, quanto mais o suga, mais forte se torna. O tempo em que o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou. Se o trabalhador consome em seu proveito o tempo que tem disponível, furta o capitalista. (Marx, 2008, p. 271).

De acordo com o acima exposto, quando os trabalhadores não respondem aos imperativos capitalistas, ou seja, não aceitam ser explorados, tornam-se ladrões porque estão a roubar do burguês aquilo que ele comprou, por outro lado, quando os burgueses são acusados de roubarem os trabalhadores, estes são punidos, e muitas vezes se submetem, ou se mantêm em relações de trabalho degradantes e violentas, para manter a sobrevivência de si e de seus dependentes. Isso mostra que não se trata de uma escolha aleatória, mas sim da manutenção da própria vida. Essa lógica atravessa toda a educação profissional no IFSC, estimulando de forma reduzida e com escasso apoio institucional, o rompimento dessa lógica destrutiva, na qual o bullying se manifesta como uma das expressões dessa trama.

O trabalhador já não se identifica com o mundo criado por ele próprio, mas, como alguém que, para sobreviver, é submetido aos ditames da classe dominante. Ao fabricar uma mercadoria, o trabalhador se torna uma, e passa a conceber seu próximo da mesma forma, e essa relação acaba por reduzi-lo em instrumento de riqueza de quem possui mais capital. (Guerino, 2013, p.31). A educação está estritamente ligada a essa lógica, em razão de que:

A compreensão de educação como um mecanismo fundamental de modernização, desenvolvimento, progresso e de superação da pobreza perpassa toda a história do processo de formação da sociedade capitalista, o que indica que se trata de um tipo de relação, entre educação e economia capitalista, que vai se estabelecer nas contradições e nas lutas de classes. A educação, enquanto atividade social centrada no homem e em suas necessidades, subordinada à lógica do capital, exerce as funções de reprodução alienada da força de trabalho e de conformação com a realidade. Nesse sentido, a educação sempre se constituiu uma área problemática na definição de sua natureza e função social. (Motta, 2007, p.39)

A educação profissional é formatada para cumprir essa função difusa que apresenta traços de progressismo, contudo, não busca romper com as lógicas violentas do capital, como justificativa de sobrevivência no mundo contemporâneo, e assim o faz, em razão de preparar os estudantes para a forma de funcionamento do mercado de trabalho, que é exploratória, violenta, discriminatória, e competitiva. Essa lógica atravessa toda a formação para o trabalho no IFSC, atingindo a dimensão ético-política dos estudantes.

Todavia isso não é mostrado tal como é, em função de que na luta por hegemonia, a classe dominante, interessada em conformar cidadãos que pensem e se comportem sem questionar suas articulações, busca ocultar a exploração, e transmutá-la de uma forma minimamente compreensível, estimulando a competição, o engano, os ganhos materiais em detrimento do sofrimento alheio, disseminando os interesses de uma classe, como se fosse um interesse geral.

É, portanto, uma questão de determinação estrutural insuperável que a ideologia – dominante – em face de suas aspirações legitimadoras apriorísticas – não possa funcionar de forma alguma sem apresentar seu auto-interesse, independente de ele ser particular, como sendo de “interesse geral” da sociedade. (Mészáros, 2008, p. 12)

O interesse de uma classe, entendido como interesse geral, tende a estimular a violência por grupos que se diferem desse padrão. Por essa razão, defende-se que as bases do bullying no IFSC possuem íntimas relações com os fundamentos de desigualdade provocados pela sociabilidade capitalista, justificando comportamentos de agressão/humilhação/rebaixamento entre os estudantes. Foi feita uma busca no banco de teses, dissertações e periódicos da Capes, em periódicos na plataforma Scielo, e na Capes, e não foi encontrado nenhum artigo, tese ou dissertação que relacionasse diretamente a sociabilidade capitalista, a

educação profissional e as práticas de bullying. Isso mostra que há uma lacuna nesse debate, a qual inauguramos com essa breve reflexão.

O IFSC está a serviço de formação profissional para empresas, e ainda que mencione em seu Plano de Desenvolvimento expressões como “justiça social” e “equidade”, sabe-se que essas palavras não suavizam os sofrimentos de quem vive sob o bullying, e que é explorado de múltiplas formas sob a trama social que mantém o capitalismo.

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia têm como foco a justiça social, a equidade, a competitividade econômica e a geração de novas tecnologias, e deverão responder, de forma ágil e eficaz, às demandas crescentes por formação profissional, por difusão de conhecimentos tecnológicos e de suporte aos arranjos profissionais, e permitirão que o Brasil atinja condições estruturais necessárias ao desenvolvimento educacional e socioeconômico (PDI IFSC 2015-2019, p. 2.4)

Ainda que essas configurações que fomentam relações sociais destrutivas existam em nossa realidade, há também resistências e possibilidades dentro do IFSC que tem provocado importantes reflexões e fomentado diferentes formas de convivência entre os estudantes. O Projeto Permanência e Êxito foi criado no IFSC, campus São Miguel do Oeste com esse objetivo, abarcando a totalidade das formas de violência escolar, onde o bullying é constitui e é constituinte dessa trama.

O projeto Permanência e Êxito como estratégia de enfrentamento ao bullying

Devido à expansão e interiorização da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e ao desafio posto a essa nova configuração de instituição de ensino, o Tribunal de Contas da União (TCU) publicou, em 2013, um acórdão, recomendando à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC/MEC) a realização de planos, em conjunto com os institutos federais, para aprimorar a estrutura geral, promovendo melhores condições de expansão da rede. A recomendação baseou-se no relatório de auditoria que revelou, dentre outros, problemas de evasão e retenção de estudantes. Estes problemas têm origem em fatores institucionais, sociais e individuais, sendo que este último compreende os aspectos cognitivos, psicológicos e sociais. Por isso, em atendimento a essa demanda e em conformidade com a missão do IFSC de promover a inclusão, foi implantado, em 2016 no IFSC, Câmpus São Miguel do Oeste o Projeto Permanência e Êxito, com o objetivo de auxiliar os alunos a superar suas dificuldades de aprendizagem visando à melhora de seu desempenho escolar e ao fortalecimento de seu vínculo com a instituição e com o ambiente de ensino. A metodologia adotada divide os planos de ação em quatro eixos: pedagógico, psicológico, sociocultural e científico/tecnológico. Para fins deste artigo, o foco será centrado no eixo psicológico. Esse eixo envolve oficinas psicológicas temáticas sobre interação grupal, resolução de conflitos, *bullying*, ansiedade, projeto de

vida – orientação profissional – e grupos de pais. As oficinas psicológicas têm seus pressupostos baseados na psicologia educacional, que compreende a escola como o espaço onde melhor se pode observar o desenvolvimento de habilidades sociais e das relações interpessoais dos adolescentes, tais como: selecionar e processar informações, tomar decisões, trabalhar em equipe, resolver problemas e lidar com as emoções. O apoio psicológico nestes aspectos permite construir caminhos que promovam o desenvolvimento, o aprimoramento e a consolidação de uma educação de qualidade. As oficinas psicológicas envolveram a participação ativa dos alunos na discussão de temas relacionados à adolescência, a partir de dinâmicas, trabalhos em grupo e encenações. A avaliação se deu por meio de formulário eletrônico enviado por e-mail para os estudantes participantes das oficinas.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos mostrar as articulações entre os fundamentos entre capital/trabalho/educação, e suas confluências com a prática do bullying. As contradições são evidenciadas sem, contudo, tender a um fatalismo ou a propostas de outro “modelo econômico”, tendo em vista que a própria dinâmica histórica humana é o sujeito de mudanças na realidade, portanto não há receitas simples para mudanças automáticas. A atividade humana é a mudança, as quais transcorrem em meio a disputas por distintos projetos de sociedade, de educação, de trabalho.

O fato de mostrar as relações do bullying com a organização da sociedade desigual capitalista, não nos coloca na condição de demonizar o capitalismo, mas de entender suas conexões e propósitos objetivos, que estimulam e reiteram condutas violentas no ambiente escolar.

As oficinas realizadas sob o Projeto Permanência e Êxito no IFSC refletem a resistência a esse ciclo de agressões, e mostram que, mesmo dentro de uma instituição pública, alinhada com os interesses capitalistas, é possível construir as bases de uma outra forma de compreender a si e ao próximo, no contexto histórico e real, distantes de julgamentos moralistas ou religiosos, buscando atentar às raízes reais e concretas dos antagonismos em que vivemos, nos educamos e trabalhamos.

Referências

- Antunes.** C. S. (2010). *Trabalho, alienação e emancipação: a educação em Mészáros*. (Dissertação de mestrado). UNICAMP, São Paulo, Brasil.
- Bock,** A.M.B., Teixeira, M. L. y Furtado, O. (2018). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo, Brasil: Saraiva Educação.
- Frigotto.** G. (2001). Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. *Perspectiva*, 19(1), 71-87, Recuperado em março de 2019 de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8463>.

- Guerino, M. F.** (2013). *O movimento de saberes na produção da vida na comunidade quilombola Campina de Pedra*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Mato Grosso, Mato Grosso, Brasil.
- Iamamoto, M. V.** (2008). *Trabalho e indivíduo social: um estudo sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Karl, M.** (2008). *O capital: crítica da economia política: livro I*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Mészáros, I.** (2008). *A educação para além do capital*. São Paulo, Brasil: Boitempo.
- Motta, V. C.** (2007). *A questão da função social da Educação no Novo Milênio*. Revista de Educação Profissional – SENAC. Recuperado em março de 2019 de: <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/297>.
- Organização das Nações Unidas - ONU** (2016). *Ending the torment: tackling bullying from the schoolyard to cyberspace*. Recuperado em março de 2019 de <https://nacoesunidas.org/pesquisa-da-onu-mostra-que-metade-das-criancas-e-jovens-do-mundo-ja-sofreu-bullying/>
- Organização Mundial de Saúde - OMS.** (2017). Recuperado em março de 2019 de: <https://nacoesunidas.org/depressao-afeta-mais-de-300-milhoes-de-pessoas-e-e-doenca-que-mais-incapacita-pacientes-diz-oms/>
- PDI IFSC.** (2015-2019). *Plano de desenvolvimento institucional IFSC 2015-2019*. Recuperado em março de 2019 de <http://pdi.ifsc.edu.br/download/faca-o-download-do-pdi-2015-2019/>.
- Saviani, D.** (2007). Trabalho e Educação: fundamentos históricos e ontológicos. *Revista Brasileira de Educação*, 12(34). Recuperado em março de 2019 de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>.